

INFORMAFRICATIVO 67

EMEFEJA Oziel Alves Pereira – AFRICANIDADE É PROCESSO!

EDIÇÃO 67 - setembro de 2025 - Circulação virtual - Impressão 1000 - A4 e 2500 panfletos

GESTÃO: Mariana D. Barreiras, Fernanda M. Bestetti, Daniecy L. Silva, Ana Rosa Mobilon

ENDEREÇO: Rua Fauze Selher, 446 - Parque Oziel - Campinas - SP - CEP: 13049066 RESPONSÁVEL:

Wilson Queiroz - wilsonq10639@gmail.com.

PROJETO AFRICANIDADES - F:32696232

APOIO: CONEPPA - Coletivo Negro com Práticas Pedagógicas em Africanidades, CEFORTEPE- Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional, MIPID - Memória e Identidade: Promoção da Igualdade na Diversidade, GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

CAMPANHA: Biblioteca e Racismo: Quando o acervo é a prova do crime!

Acesse: <https://www.fe.unicamp.br/a-fe/biblioteca/recursos-line/boletim-informafricativo>



PLANETA BOLA

TUDO SOBRE O AMOR – bell hooks

O que é o amor, afinal? Será esta uma pergunta tão subjetiva, tão opaca? Para bell hooks, quando pulverizamos seu significado, ficamos cada vez mais distantes de entendê-lo. Neste livro, primeiro volume de sua Trilogia do Amor, a autora procura elucidar o que é, de fato, o amor, seja nas relações familiares, românticas e de amizade ou na vivência religiosa. Na contramão do pensamento corrente, que tantas vezes entende o amor como sinal de fraqueza e irracionalidade, bell hooks defende que o amor é mais do que sentimento – é uma ação capaz de transformar o nihilismo, a ganância e a obsessão pelo poder que dominam nossa cultura. É através da construção de uma ética amorosa que seremos capazes de edificar uma sociedade verdadeiramente igualitária, fundamentada na justiça e no compromisso com o bem-estar coletivo. (bell hooks, tudo sobre o amor: novas perspectivas, 2021 – Editora Elefante)

DENTISTA E PROFESSORA NA LINHA DO TEMPO: UM CASO DE AMOR

Meu nome é Mylenne Moreira Santos, sou a segunda filha de Élio de Oliveira Santos e Leni Moreira Santos. Meu pai, negro de pele escura, nasceu em Bauru, no dia 17/08/1933; minha mãe, negra de pele clara, nasceu em Marília, no dia 01/08/1940. Meus pais estudaram, se conheceram no colégio, em Bauru, minhas tias, irmãs de meu pai, lavavam e passavam roupas para algumas famílias mais abastadas.

Minha mãe fora abandonada por sua mãe e trabalhava como empregada em casa de família. Estudavam e trabalhavam os dois. Élio foi ferroviário, trabalhando no escritório, Leni, empregada doméstica.

Em 1962, se casaram e tiveram 5 filhos. Em 1970, quando a última filha nasceu, Élio se formou como Dentista pela FOB/USP (Faculdade de Odontologia de Bauru), sendo o único filho de D. Conceição e do Sr. Isaias a chegar na Universidade, meu pai foi um dos primeiros dentistas negros a se formar pela Faculdade inaugurada a tão pouco tempo. Na época de criança, infância passada no grande quintal, entre galinhas, cachorros, árvores e frutas no pé; eu não imaginava o significado desses acontecimentos. Minha mãe, ajudava meu pai e se formou no Magistério local.

Em 1979, meu pai sofreu um acidente automobilístico no seu Maverick branco. Nos deixou precocemente, tinha ele 46 anos. Minha mãe veio para Campinas como professora do Estado, não nos deixou abandonar os estudos e anos mais tarde se tornou diretora de uma escola estadual muito grande.

Hoje sou diretora de escola no Município de Campinas. Não sei de todas as batalhas e humilhações pelas quais meus pais tiveram que passar, sei que eles abriram caminhos, nos ensinaram a não desistir, a estudar e a cavar o nosso destino, fazendo da nossa história uma construção de vitória, beleza e fé.

O MUNDO É UMA BOLA. . .



Existem diversas lutas e jogos de origem africana, como as lutas do Damb (África Ocidental), Engolo (Angola) e Capoeira (Brasil). Também há jogos e brincadeiras, como o Labirinto, Kebeto, Mankala, e a brincadeira "Gato come o rato". Além disso, a África do Sul é notável por praticar esportes como críquete, rugby e golfe, enquanto o Quênia e a Etiópia se destacam em corridas de longa distância.

LUTAS E ARTES MARCIAIS/

Damb: Uma luta de origem da África Ocidental, com versões semelhantes em outras regiões. / **Engolo:** Uma luta africana de Angola, que pode ter inspirado o termo "quilombismo". / **Capoeira:** Uma arte marcial afro-brasileira de luta, dança e jogo, de origem africana. / **Mankala** e Labirinto: Jogos de tabuleiro de origem africana, jogados por diferentes povos. / **Kebeto:** Outro jogo popular da África, com raízes africanas. / **Gato come o rato:** Uma brincadeira de Moçambique, com foco no movimento e na agilidade. / **Pegue a cauda:** Uma brincadeira de origem nigeriana, onde uma equipe tenta pegar o lenço da outra sem desmanchar a fila. / Disponível em <<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/jogos-e-brincadeiras-africanas/>>

BOLA ROLANDO, CIDADE EM DISPUTA!



Um pequeno espaço demarca o golzinho improvisado, quando ocorrem partidas de futebol na cidade. Coloca o chinelo, conta quatro ou cinco passos, põe o outro e pronto! Está criado o pedaço mais importante dos próximos minutos.

A hora que começar o jogo, um timinho de três contra três por exemplo, passar a bola por esse espaço vale muito. E proteger em volta dele também.

Jogar bola começa em nossas vidas como brincadeira, na amizade. Com o tempo, os jogos passam a exigir criatividade, rapidez, técnica e outras habilidades que vão deixando a brincadeira mais competitiva.

Essa competição tem uma característica muito importante: usar o corpo para disputar espaço. Pode ser futebol, futsal, queimada, vôlei, basquete, futevôlei, altinha, handebol... Em todos esses jogos, é preciso tratar bem a bola, mas é preciso também usar

o corpo para ocupar os espaços e garantir um território.

Quando falamos de futebol, essa disputa acontece normalmente em campinhos, praças, praias, várzeas, ruas, vielas, entre outros terrenos de jogo.

É verdade que a bola também rola nos campos profissionais e nos grandes estádios. Porém, aqui vamos falar do futebol popular, que acontece no dia-a-dia. Do futebol nos espaços públicos, como relatou Enzo* sobre os jogos de sábado que acontecem no Jardim Monte Cristo, em Campinas (SP):

“Nois chega no campo e aquece com a bola, jogando altinha ou chutando pro outro. Depois que nois aquece, tira um ímpar-par ou dois ou um. Nois joga de três a cinco jogadores de cada lado. O jogo acaba com cinco gols quando não tem próximo, mas quando tem o jogo acaba com três gols na primeira partida e no resto todas acabam com dois gols. Se um time muito forte tiver ganhando todas, nois troca de time e se isolar a bola quem chutou vai lá buscar.”

Dá pra perceber que o jogo no Monte Cristo não é bagunça não. Tem todo um *proceder* e uma organização. Depois que começa, a disputa por cada palmo do campo é grande! Talvez seja até maior do que no profissional, pois antes de disputar espaço jogando, tem que garantir um espaço para poder jogar.

Seja no Monte Cristo, ou em tantos outros bairros do Brasil, antes de jogar tem que *agilizar* o território: ocupar as ruas, demarcar o terreno baldio, limpar a quadra, aplinar o barranco, afastar os carros e as pessoas de fora. Só depois que a bola rola mesmo.

Esse *corre* tem sido cada vez mais difícil com o passar do tempo, pois as cidades vão crescendo e o espaço vai sendo vendido, tipo uma mercadoria. Só tem espaço quem pode pagar por ele. Vão ficando raros os espaços disponíveis para jogar no meio de tanta casa, prédio, shopping, mercados, avenidas e tudo mais.

Com tanta dificuldade, como o futebol continua sendo o esporte mais popular no Brasil? Se a gente pensar lá no início, o futebol que tinha sido regulamentado na Inglaterra começou a ser praticado aqui por setores ricos da sociedade. Na maioria das cidades brasileiras, as primeiras competições de futebol surgiram no começo do século 20 em de clubes restritos, frequentados apenas pela população branca, que na maioria era de elite.

Mas as notícias sobre futebol e a vontade de jogar foram se espalhando entre os bairros populares onde viviam famílias trabalhadoras das indústrias, comércio e serviços. Conforme autoconstruíam suas casas simples, essa população se organizava para construir também espaços de brincar, festejar e celebrar. Entre eles estavam os campinhos de futebol.

Pensando assim dá até pra imaginar que nesses bairros populares espalhados pelo Brasil, lá no começo do século passado, o futebol envolvia toda a população, sem distinção nenhuma. Mas não foi bem assim...

Mesmo entre as famílias mais humildes, a vida das pessoas brancas pobres e das pessoas negras pobres era desigual no acesso ao trabalho, à moradia e aos espaços de sociabilidade. As pessoas negras tiveram que se organizar muito mais para garantir tudo isso, pois não tinham os privilégios que os descendentes de imigrantes europeus usufruíam. Assim, quando surgiram os primeiros clubes populares, a população negra ainda não estava jogando.

Mas a força coletiva deu aquele *contra-ataque!* Em áreas próximas aos antigos quilombos urbanos, nos bairros de maioria negra, surgiram clubes de futebol ligados ao associativismo negro em diversas cidades do Brasil. Em São Paulo, por exemplo, isso ocorreu na Barra Funda, Bexiga, Várzea do Carmo, Penha, Casa Verde, entre outros. Já em Campinas, a partir dos anos 1960, bairros como Vila Rica, São Bernardo, Costa e Silva e Vila Bela foram marcados pela grande concentração de famílias negras e, no meio desse movimento, pelo surgimento de times de futebol. Isso sem falar da Ponte Preta, um dos poucos clubes profissionais do Brasil a ter pessoas negras desde sua fundação, em 1900.

Com o tempo, o futebol foi gerando coletividades entre a população e sendo praticado por um número cada vez maior de pessoas. Mas pra tudo isso acontecer, muito terreno foi ocupado, muitos campinhos e espaços improvisados foram criados coletivamente nas cidades. Eles disputaram território com as construções, assim como se disputam os espaços do campo, seja com um ataque envolvente, um meio-campo bem distribuído ou uma zaga fechadinha!

E mesmo com as grandes transformações das cidades, algumas até virando metrópoles, até hoje surgem espaços de jogo organizados pela população na paisagem. Um exemplo são os três campos do Jardim Monte Cristo, em Campinas, bem perto da entrada do Parque Oziel. Bairros que surgiram de ocupações. Bairros ocupados pelo futebol!

* *Enzo Gabryel Silva de Melo é aluno da EMEF/EJA Oziel Alvez Pereira, 7º B.*

** *Texto escrito por Alberto Luiz dos Santos, professor de Geografia da EMEF/EJA Oziel Alvez Pereira. Autor da tese de doutorado: "O samba como patrimônio cultural em São Paulo (SP): As batucadas de beira de campo e o futebol de várzea" (FFLCH – USP).*



PROGRAMA DE CURSINHO PREPARATÓRIO PARA
ENSINO MÉDIO EM INSTITUTOS FEDERAIS

O Programa Nacional de Promoção de Igualdade de Oportunidades para o acesso de estudantes da rede pública de ensino à Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica - [PartiuF](#), tem a finalidade de oferecer aulas e atividades voltadas para a recuperação de aprendizagens de estudantes do nono ano do Ensino Fundamental matriculados em escolas públicas, e recompor as habilidades e competências necessárias para melhorar as oportunidades educacionais de acessar e permanecer no Ensino Médio da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

O Instituto Federal de São Paulo (IFSP) em colaboração com Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) e com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (SECADI), ambas do Ministério da Educação, ofertará 44 turmas distribuídas no Estado de São Paulo; serão oportunidades destinadas a estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental vindos de escolas públicas, de baixa renda, autodeclarados pretos, pardos, quilombolas, indígenas ou com deficiência. Os jovens terão aulas e atividades com conteúdos alinhados ao processo seletivo de cursos técnicos articulados ao Ensino Médio das instituições da Rede Federal. <https://ifsp.edu.br/partiuif>